

# A Extensão na Universidade Estadual de Londrina

DEOLINDO CAETANO VALIATI  
Coordenadoria de Extensão à Comunidade

## INTRODUÇÃO

Quando o Reitor Oscar Alves iniciava sua gestão, preocupado com a objetivização correta do trabalho administrativo e acadêmico, fez uma consulta aos Departamentos e Centros da Univer-

Se um bom número de opiniões apoiava, como ele, a Universidade no tripé "ensino-pesquisa-extensão", concluiu que muitos desconheciam ou até mesmo não admitiam a necessidade da extensão.

Desde o início de seu mandato,

## RESUMO

*Hoje não se pode conceber uma Universidade moderna, sem que esteja perfeitamente integrada no seu meio geo-educacional, recebendo dele a retroalimentação de que necessita para a permanente atualização do ensino e da pesquisa, como também o estímulo constante no aperfeiçoamento dos recursos humanos capazes de promover o*

*desenvolvimento cultural, econômico e social da comunidade.*

*A Extensão, na intenção dos legisladores brasileiros, deve tirar a Universidade do isolamento egoísta para que leve à comunidade os benefícios que lhe são inerentes, estabelecendo integração tal que não se distinga onde uma começa e a outra termina.*

## ABSTRACT

*Nowadays it is not possible to understand a modern University which not be perfectly integrated on its geo-educational environment, receiving from it the necessary feedback to a permanent atualization of the teaching and research as well as the constant stimulus in order to perfect the human*

*resources to promote the cultural, economical and social development of the community.*

*The "Extension", in the understanding of the Brazilian legislators, should take the University off the egoist isolation in order to extend to the community their advantages.*

sidade Estadual de Londrina, procurando saber em que nível de consciência estava o corpo docente e discente, em relação aos reais propósitos da casa de ensino que iria dirigir.

Foi a partir das incorreções, então verificadas, que traçou os princípios e planos de sua bem sucedida administração, de 10 de junho de 1974, a 10 de junho de 1978.

até os últimos dias de sua direção, Oscar Alves introduziu na Universidade princípios que se tornarão indelévels. Há hoje um conceito universal, contestado apenas por alguns retrógrados, de que não existe ensino universitário sem o perfeito equilíbrio entre os três pontos básicos.

Entretanto, disse ele: "apesar de colocarmos os três no mesmo nível, não

dando a um mais importância que ao outro, somos forçados a reconhecer, no trabalho de extensão, o caráter dinâmico que, extrapolando os limites da Universidade, no que diz respeito a sua área física, é o responsável pela atividade do processo de realimentação que buscamos para a integração Universidade/Sistema de Ensino e Universidade/Comunidade".

Com tais objetivos, atvou, a partir de 1974, os Órgãos de Extensão à Comunidade, aglutinando-os em 1976, como consequência do Primeiro Ciclo de Estudos sobre a Extensão Universitária, que promoveu, para lhe dar maior dinamismo e possibilidade de integração mais real. Na Coordenadoria de Extensão à Comunidade - CEC, toda a programação extensionista da Universidade se faria dentro de uma única tônica, não só em relação aos problemas de integração com o sistema de ensino, mas também nos aspectos de saúde, serviço social, integração escola-empresa, transferência de técnicas administrativas, desenvolvimento social de comunidades carentes, promoções culturais, científicas e artísticas.

Agora, transcorridos os quatro anos de seu mandato, pode, com satisfação, afirmar que um sem número de programas foram e estão sendo desenvolvidos numa constante busca de melhor relacionamento e integração da instituição universitária com a comunidade, nos seus múltiplos aspectos e em consonância com a competência e objetivos que fixou para o órgão extensionista por ele criado e dinamizado.

Se nos primeiros dias de sua gestão afirmava que uma Universidade sem extensão reduz a nada a sua capacidade de ensino e pesquisa, pode, agora, ao passar a seu substituto o comando administrativo da UEL, repetir as palavras que pronunciou no Colégio Londrinense: "A Universidade não é mais um lago, mas sim um rio, que flui em direção à rede potâmica formada por todos os níveis de ensino, cuja rapidez e potencialidade somente se fará notar na medida em que todos os afluentes contribuirão".

## PRINCÍPIOS E IDÉIAS FILOSÓFICAS

Não há como explicar, justificar e comprovar uma estrutura de ação, quer seja administrativa, docente ou de pesquisa, senão apelando para uma carta de

princípios, para uma tomada de posição original de natureza filosófica, substanciada num conjunto de idéias que regulam a atividade humana, visando o uso prático.

Na documentação de identidade dos indivíduos busca-se de imediato a sua fotografia. Analogamente, devem as instituições ostentar a sua imagem, no intuito de se distinguirem das congêneres e sua imagem é a sua identidade traduzida na originalidade de sua concepção, de suas motivações, dos modos de inserção na realidade circunjacente.

No terreno dos fins, existe também uma filosofia que, sem desprezar a unidade e universalidade substanciais do saber humano, se volta com decisão para o estudo da realidade sócio-econômica circundante, como passo primeiro e indispensável de uma posição claramente definida que consiste em evoluir do particular para o universal, pelo regional.

Com efeito, uma Universidade não se constrói sem o conhecimento da tradição universitária e sem uma reflexão de sua ação no contexto da sociedade onde está inserida. Ela se alimenta de uma concepção do mundo e da existência para responder às interrogações do Homem, a partir de que, explicita suas formulações filosóficas, políticas, artísticas, científico-culturais e religiosas. A Universidade deve adequar as respostas universais às características de seu tempo e espaço históricos. Nesse sentido, tem como missão prioritária contribuir para formar homens autênticos, os quais deve capacitar mediante uma sólida cosmovisão, a fim de que adquiram as atitudes necessárias para que possam atuar de acordo com as exigências da realidade encontrada.

Basicamente, estas idéias servem de guia sobre o que é, o que fazer e como fazer trabalho de extensão universitária.

Partindo destes pontos de vista, torna-se mais fácil a análise, no que tange à Extensão Universitária, dos princípios e idéias filosóficas que nortearam o pensamento e a ação do Reitor Prof. Oscar Alves.

### IDÉIA DE ABERTURA

A instituição universitária é, por vocação e necessidade social, uma organização eminentemente comunitária. Partindo desse ponto de vista, a filosofia da Extensão Universitária só pode significar a idéia de ABERTURA da Universidade ao meio, objetivando a indissolubilidade de suas funções de ensino, pesquisa e extensão.

É inquestionável a obrigação das universidades brasileiras de se voltarem com todo o seu potencial de recursos humanos para as comunidades, no sentido de envolvimento recíproco. Ao abrir as portas das Universidades para uma convivência de duplo interesse — universitário-comunitário —, está se institucionalizando um novo posicionamento: o da Universidade aberta, apta a contribuir muito além da formação e aperfeiçoamento de profissionais, ou seja o aceleramento das soluções dos problemas nacionais.

A Universidade de Londrina coloca-se à disposição da região e, enraizada na filosofia de extensão, não pode ser vista como um foco isolado mas dentro do inteiro contexto regional, pelas suas características únicas em termos de Brasil, como pólo de atração e desenvolvimento sócio-político e econômico de uma rica e vasta região que congrega uma população superior a 5,5 milhões de habitantes, ou 200 dos 280 municípios do Paraná.

Na origem do vocábulo extensão, encontramos "o ato ou efeito de estender-se, o desenvolvimento no espaço". Com ela, a Universidade poderá cumprir em plenitude a sua missão social de abertura à comunidade, levando e trazendo, em processo contínuo, os benefícios de uma ação conjunta, que a fará sempre participante, fiel e renovada.

É a idéia de SERVIÇO PÚBLICO que ela exerce e que deve prestar à sociedade que a mantém, de troca de idéias e de conhecimentos com o povo; de fonte de integração comunitária, representada pelos cursos de extensão e pelos serviços especiais que presta ao meio em que está inserida.

O homem é o ponto de partida e o fim; os objetivos, as realizações e os resultados concentram-se nele. A comunidade, o universitário, a universidade inteira, seus departamentos, professores e funcionários, realizam uma única ação, voltada para a valorização do homem, para os problemas da vida, criando soluções brasileiras para os problemas especificamente brasileiros. Ao enfatizar seus órgãos especificamente de extensão, é a Universidade como um todo que as populações vislumbram.

Efetivamente, estamos tratando de uma nova maneira de ver a Universidade e que não alcançou ainda toda a sociedade. Até aqui, a Universidade e as escolas superiores eram somente o meio para a formação de pessoas. A extensão só se cumpria através dos bons profissionais. Agora, todo o processo universitário, aberto aos alunos, ao mesmo tempo

pode ser procurado pela comunidade. Mas, não é só procurado, como vai ao encontro, procura a comunidade.

"A Universidade que não se estende é uma universidade morta", pois somente através da interpenetração dela e dos interesses do meio onde se insere, em função do momento atual, tem a condição de conhecer o tipo de profissional que deve formar. A participação da Universidade na solução dos problemas do meio é imprescindível. Decerto, essa nova função apresenta um dado positivo, na medida em que se estabelece estreito relacionamento da instituição com sua comunidade, principalmente num país em desenvolvimento, para o qual a Universidade deve estar mobilizada. Rigorosamente, a abertura da Universidade traz melhoria à formação profissional, desde que os professores e estudantes estejam engajados nesta filosofia. Em caso contrário, criam-se certos problemas, no que diz respeito à harmonização e à compatibilização da nova função com as tarefas tradicionais.

A extensão, para que se processe a compatibilização prevista, deve ser considerada como algo próprio e permanente do sistema universitário. Como tal, deve ter, como ponto de partida da programação o Departamento, que também deve ser a unidade executiva dos programas, já que, de acordo com a Lei da Reforma Universitária, é ele a célula da organização universitária. Quando o departamento não se estende, a própria Universidade se fecha, porque se é nele que se traçam as programações referentes ao ensino e à pesquisa, a extensão para que não assuma caráter de excepcionalidade, também deve ter o departamento como origem de sua programação.

É esta a Universidade da extensão, com todas as suas funções dirigidas no sentido de servir, em seu processo de promoção humana e social. As universidades fechadas já passaram. Urge abri-las, para que o saber nelas elaborado passe à comunidade, servindo ao seu progresso e ao seu bem-estar.

### IDÉIA DE INTEGRAÇÃO

Se a instituição universitária tem uma função eminentemente social, deve estar integrada dentro do sistema geral da sociedade, articulada com os subsistemas científico, tecnológico e cultural. A Universidade só poderá cumprir sua missão, livre da rotina e da inércia, na proporção em que direcionar sua estrutura e seu funcionamento para o Homem que vive numa sociedade determinada. O princípio de integração requer

o planejamento de programas de extensão, pelas universidades, segundo diagnóstico das necessidades de sua área geo-educacional, e com a participação dos demais níveis de ensino nos programas de extensão, sem necessariamente esperar a solicitação de prestação de serviços por parte da comunidade.

A Universidade será fator decisivo de desenvolvimento quando responder aos padrões da época e da sociedade regional, na qual se situa. A Universidade voltada para o desenvolvimento tem uma íntima relação com o sistema empresarial e industrial. O processo industrial é resultante do espírito criativo e da qualificação profissional; depende, portanto do processo educativo que promove essas condições. Daí a enorme expansão do ensino superior nas sociedades industrializadas. A Universidade representa o elemento dialético que impulsiona os dois processos: o do ser (educativo) e o do fazer (industrial). Por outro lado, o processo industrial vem transformando a educação tradicional para atender seus interesses particulares. Assim a Universidade, além dos estímulos do consumo/produção deve preservar seus verdadeiros objetivos sócio-políticos, econômicos, educacionais e culturais, centrados no homem e na sociedade.

Integrar é, no sentido sociológico, criar mecanismos concretos que permitam a todos tomarem-se conscientes e responsáveis pelo desenvolvimento, beneficiando-se de suas vantagens.

O que se quer na extensão é a **INTEGRAÇÃO** da Universidade no meio comunitário, como sede do saber e da cultura. Ora, integrar é inteirar, completar, centrar, polarizar, é a participação de todos no mesmo ideal, quer seja empresa ou comunidade. Integração existe quando todos os membros colaboram de modo consciente e responsável, na realização de uma obra comum. É consequentemente uma atividade que exige participação global de todos os subsistemas ou de todo o contexto da Universidade: ensino, pesquisa, administração e da comunidade. Não há dúvida de que em torno de cada universidade brasileira, há milhares de problemas, para a solução dos quais poder-se-ia contribuir através da pesquisa e da extensão.

Integrar é ainda influir nas mentalidades, no comportamento, nas decisões do povo em vista de um fim. É unir forças em torno de um desígnio. É, portanto, ajudar o povo a conseguir a melhor solução para seus problemas. Por isso a Universidade é uma força nova na sua área geo-educacional. Compete-lhe

desenvolver a capacidade do homem e adaptar seus conhecimentos. O mundo está pedindo ajuda à Universidade. Não é possível ficarmos fora do mundo, em nossas salas, na Universidade, pensando. A comunidade bate à porta, pedindo assistência, pesquisa, formação de know-how e qualificação profissional. A Universidade não pode deixar de atender a essa perspectiva de montagem, através de pessoas, empresas e instituições, de uma estrutura global do desenvolvimento que anima e empolga todo o País.

A Universidade precisa projetar-se no meio em que atua, dando respostas adequadas aos desafios que a sociedade moderna lhe impõe, além de inocular nos homens que ela forma, a sua nova obrigação de acrescentar ao seu progresso pessoal a obrigação de continuar aprendendo, após a graduação, na sua vida em sociedade, pois a busca do conhecimento tem que ser constante, e mais aprende quem se aproxima de seu semelhante para servir. Afinal, o homem, ser social, é também uma extensão.

Para atingir este objetivo a Universidade exige uma ação integrada de todos os seus componentes, para que se possa ver facilmente a sua nova imagem.

### IDÉIA DE EQUILÍBRIO

A filosofia expressa na Lei da Reforma Universitária estabelece um equilíbrio harmônico entre Formação, Pesquisa e Extensão.

Se a estrutura universitária estivesse mais voltada para o ensino, o tripé desequilibraria, como sói acontecer, quando a carga horária docente é destinada quase que exclusivamente para o ensino. A Universidade tem por missão transmitir saber compendiado (ensino) e colocá-lo à disposição da comunidade (extensão); mas também a elaboração de novos conhecimentos (pesquisa). São tantos os problemas e tamanha sua complexidade que somente os estudos interdisciplinares poderão apresentar soluções viáveis e concretas.

Ensino, Pesquisa e Extensão, embora se conceituem de modo diferente, quando postos em funcionamento na Universidade, não passam de três momentos de uma mesma tarefa; são três funções em uma; aparecem como três ângulos formais do mesmo ato educativo, como a trilogia da instituição universitária, na sua versão contemporânea. As três atividades são inerentes à Universidade. A diferença está em que o ensino é mais intra-muros, quer quanto aos objetivos visados, quer quanto aos

meios empregados, e a Extensão é uma atividade extra-muros, dirigida basicamente a não universitários, embora executada em parte por professores e estudantes. O ensino e a pesquisa são componentes do complexo universitário, totalmente integrados no contexto da formação e aperfeiçoamento do manancial de recursos profissionais. A Extensão é o novo elemento que dá continuidade aos três momentos de um mesmo processo.

A realização dialética entre instituições de ensino e comunidade se realiza através das três funções básicas dos subsistemas. A indissolubilidade dessas três funções é algo bem concreto e não apenas imperativo dado pela Lei n. 5.540.

A característica da Extensão como atividade extra-muros, dirigida a não universitários, é a forma natural de integração Universidade/Comunidade e talvez a única maneira de avaliar praticamente o papel que a primeira está representando no desenvolvimento cultural da outra, através do vai-vem de informações, no contato com a realidade social. A universidade que vivesse apenas de seus cursos normais de graduação e pós-graduação não poderia atender às necessidades da sociedade. Na realidade, são quase inesgotáveis as possibilidades de oferecimento de informações, treinamento, etc. para jovens e adultos, profissionais ou não, sobre os mais variados temas.

### IDÉIA DE MENTALIZAÇÃO

Implícito também está na Lei a conscientização da Comunidade sobre a nova dimensão da Universidade, porque a formulação de uma política extensionista para o sistema universitário brasileiro, feita de modo integrado ao desenvolvimento nacional, é um dado bastante recente e de conscientização insuficiente, mesmo no próprio interior das instituições.

Como toda idéia nova, a política extensionista exige um processo de mentalização interna e mecanismos de apoio para sua execução. Ela não se pode fazer repentinamente e sem o preparo adequado, tanto na Universidade, da qual se exige profunda mudança, quanto na própria comunidade, que precisa aprender a viver com esse novo aliado.

Como atividade sistemática e intimamente relacionada com o ensino e a pesquisa é um dado novo, na realidade das instituições superiores. Como tal, é ainda, muitas vezes, mal compreendida e mal interpretada, sendo confundida com atividades isoladas de caráter assis-

tencial, cultural, cívico, religioso ou mesmo promoção de cursos, sem nenhuma vinculação com o sistema de ensino. Não se pode, porém, esquecer, que a Extensão Universitária é uma projeção do ensino e da pesquisa e, desse modo "a inerência da atividade de extensão está no seu comprometimento didático, na sua vinculação necessária à missão da Universidade como tal".

As atividades de extensão universitária devem ser programadas a nível de instituição de ensino superior, tendo como ponto de partida os programas dos departamentos ou cursos, devidamente compatibilizados com os planos, programas ou projetos de instituições ou comunidades do local onde se dá a ação extensionista.

Foi com o objetivo de conscientizar e capacitar o corpo docente e administrativo sobre a mais nova das funções atribuídas à Universidade Brasileira, que o reitor Oscar Alves, em 1976, promoveu o "Ciclo de Estudos sobre a EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA", na UEL.

A Extensão não é somente o novo elemento. É o próprio fortalecimento da estrutura universitária. Abrindo-se para a comunidade, a Universidade cria perspectivas novas na sua estrutura, e o envolvimento intersetorial e interprofissional da pesquisa, ensino e extensão, sintonizará totalmente a formação profissional com a realidade brasileira.

A instituição universitária é por natureza aberta, mas, infelizmente, não se efetiva esta abertura. Fica ela esperando a comunidade, em vez de ir ao seu encontro; reage em vez de agir. Fica guardando atrás de suas portas uma enorme potencialidade de recursos, sem o devido aproveitamento por parte do homem e da comunidade.

Assim é uma Universidade nova que surge. Transcendendo as suas fronteiras, secularmente delimitadas ao ensino formal englobará, junto às suas grandes responsabilidades de formadora de novas gerações, as de modificar, ativar e criar uma nova mentalidade, a de se voltar para o meio, de aprender servindo. Sem perder a característica de matriz geradora da ciência e de liderança cultural, através da Extensão Universitária, poderá envolver-se no processo social, fornecendo a todos os graus de ensino contribuição valiosa.

Na jovem Universidade de Londrina, e por isso receptiva a novas idéias, tratou o Reitor de estabelecer na sua organização, desde o início de sua administração, uma filosofia extensionista. Hoje, já se pode medir a sua influência benéfica em todos os setores da cidade e da região geo-educacional.

Ao assumir a Extensão no contexto de sua estrutura, a Universidade torna-se vibrante, dinâmica, coerente e consciente da obrigação de se englobar nas possibilidades maiores de dar uma formação profissional compatível com a realidade, dando ao estudante uma vivência comunitária altamente válida para o seu conhecimento e formação, constituindo, paralelamente, mais um fator que incrementa o desenvolvimento nacional.

### IDÉIA DE RETROALIMENTAÇÃO

A Extensão Universitária no Brasil, apesar de definida pela Lei n. 5.540, até bem pouco tempo, era exercida como um sentimento de prestação de serviços ou de realização de atividades extramurais, sem vinculação bem caracterizada no sistema universitário como um todo.

Um fato novo surgiu quando se procurou associar a extensão à idéia de "feed-back", retroalimentação, retorno ou realimentação, como se queira. O conceito de retroalimentação dá à Extensão uma idéia de troca com o meio em que a Universidade se insere; havendo troca é estabelecido um processo de comunicação e se instala uma relação biunívoca, com um fluxo de ida e de volta; o meio passa a ser não somente um laboratório, onde se procura testar conhecimento e buscar soluções, mas é dele que a instituição de ensino superior extrai a essência de sua manutenção; é ele a razão de ser da própria Universidade.

Hoje, a terminologia referente à Extensão Universitária inclui, obrigatoriamente, a palavra "feed-back", ou suas congêneres, e a retroalimentação passou a representar o próprio sentido da Extensão.

Ela se processa sob a forma de prestação de serviços, cursos, atividades artístico-culturais e de outras maneiras, de acordo com as exigências do meio em que a Universidade se encontra inserida.

A Extensão é a forma de ensino onde os docentes encontrarão meios de fugir à repetição monótona dos mesmos currículos, uma vez que terão oportunidade de enriquecê-los ou multiplicá-los, por meio do processo de retroalimentação.

Desta maneira, as fábricas, os hospitais, as fazendas, as repartições, as instituições públicas serão laboratórios da extensão universitária, sob a forma global, a salvo das segmentações artificiais, inerentes à formação acadêmica. A Extensão Universitária dá maior dinamismo à Universidade e permite maior abertura à aquisição do saber como um instrumento a serviço do homem, pelas instituições, da mesma forma que esta abertura existe para os docentes e discentes.

Sendo a Extensão o ensino em forma de aplicação, é, indubitavelmente, a maneira que exige maior inteiração entre os alunos e professores. Havendo tal integração, certamente se tem a garantia do funcionamento desses mecanismos de "feed-back".

A Extensão é a "escola informal liberada da rigidez curricular".

Através da Extensão, a Universidade leva o seu "know-how" à coletividade, estabelecendo contato com a realidade social e, em face destas, passa a testar o valor objetivo de seus conhecimentos e das técnicas de trabalho que difunde, trazendo de volta, com a experiência incorporada de seus alunos e professores, para o âmbito dos departamentos e cursos, os subsídios necessários à retroalimentação do sistema.

Nesse processo não há apenas integração entre a Universidade e comunidade, mas uma ação recíproca entre elas, uma "inter-relação" em que os dois pólos do sistema mutuamente servem e são servidos.

Esta é a melhor maneira de se colocar e dimensionar, hoje a Universidade como agente de mudança.

### IDÉIA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE

A retroalimentação do sistema universitário pressupõe igualmente uma preparação técnica permanente do pessoal docente e administrativo, para uma eficiente atuação nessas áreas.

A educação permanente de todos ultrapassa infinitamente o domínio da sala de aula porque sua influência se inseriu, aos poucos, numa categoria existencial mais profunda e decisiva. A realidade reclama uma ação atualizada. O progresso científico e técnico requer de qualquer profissional condições de adaptação.

A educação permanente é um processo educativo que se desenvolve sem interrupção durante toda a vida do indivíduo. E isso leva a redefinir a educação, que passa a ser considerada como sendo uma dimensão da vida, tomada em sua totalidade.

Ao princípio da educação permanente some-se a disponibilidade de informação em toda a parte, o fácil acesso a todo tipo de informação, a explosão e implosão do conhecimento humano e a necessidade de preparação para a mobilidade ocupacional, distintivo de nossa época.

A expectativa de um número cada vez maior de profissionais é de atravessar três ou quatro períodos de reciclagem ocupacional durante a vida. Eis porque eles têm necessidade de um tipo de educação que lhes confira certa polivalência.

A Universidade não pode ficar alheia ao momento histórico em que se encontra, bem como, deve estar plenamente consciente de sua missão de for-

madora de homens sujeitos ao processo de renovação permanente da cultura, no ritmo crescente imposto pelo progresso.

A tarefa da Universidade em toda a sua abrangência, constituindo-se em fator de desenvolvimento requer exame de consciência crítica de si mesma e de seus fins, de modo contínuo e permanente. Não existe outra medida para a universidade brasileira que não seja a utilidade e a eficiência, através do envolvimento com a nossa realidade, provocante e exigente, precursora do futuro.

#### ALÉM DA LETRA DA LEI:

A filosofia da extensão não se esgota na letra da Lei 5.540. O que vemos hoje é o desconhecimento da Reforma. O que se tem observado, muitas vezes, são adaptações à letra da Lei, sem que o espírito dela - e é aí que está a grandeza da legislação - seja perfeitamente absorvida por tais adaptações. O que vemos são mudanças, não reformas. Passa-se de estruturas arcaicas para outras, aparentemente novas, mas com força motriz perfeitamente igual à anterior. O resultado é fácil de imaginar.

Uma universidade (e triste seria se assim fosse), não se projeta na comunidade, simplesmente sob a forma de cursos e serviços, levando-nos a pensar que, se não existissem os cursos e os serviços, desapareceria a influência da instituição universitária na comunidade.

*Há uma extensão invisível, uma zona de influência, que emana do espírito universitário, do sentimento de compromisso que a Universidade deve ter com o meio, pela qualidade dos profissionais nela graduados e pelo sentido pragmático da pesquisa que promove. Fixar-se às palavras do texto é negar à extensão a inerência concedida ao ensino e à pesquisa. Saber e técnica, teoria e prática, são pratos da mesma balança, cujo equilíbrio a universidade moderna procura manter.*

A Universidade não pode, é natural, ter flexibilidade bastante para adaptar-se, como um líquido, à forma do continente social; mas o ritmo do progresso científico exige uma revisão periódica dos currículos e dos métodos, dos conteúdos programáticos, para que se possam corrigir os descompassos, por acaso existentes.

A Universidade, que é uma conquista dos homens de todos os tempos, não se atrela a iniciativas extra-universitárias que a desviem do seu caminho. Ela não deve estar a reboque das necessidades momentâneas, quando sua finalidade precípua é rebocar, suscitar e orientar iniciativas. Ainda sob este enfoque, a extensão é elemento aferido de uma universidade que, em contato direto com o meio, através deste utilíssimo instrumento de informação, pode conhecer a realidade que lhe cumpre e melhorar.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Oscar — *Filosofia da extensão universitária*. Conferência proferida no Curso de Estudos dos Problemas Brasileiros, na Escola de Comunicação e Artes da USP, em 15 de maio 1978.
- *As funções de ensino-pesquisa e extensão no contexto da universidade atual*. Palestra proferida no Curso de Treinamento para Futuros Chefes, na Fundação Universidade Federal do Acre, em 16/17 jan. 1978. Mimeografado.
- *Integração da universidade com o sistema de ensino: aula inaugural* proferida pelo prof. Oscar Alves, reitor da Fundação Universidade Estadual de Londrina, na abertura do ano letivo do Colégio Londrinense. Londrina, Ed. da UEL, 1976.
- BIANCHINI, W.A. — *UFMS, uma universidade extencionista*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 1977. 37 p.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura — *Plano de trabalho de extensão universitária: projeção da universidade até a comunidade sob a forma de cursos e serviços especiais*. Brasília, 1968.
- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA — *Ciclo de estudos sobre extensão universitária*. Londrina, 1976.
- : relatório preliminar. Londrina, 1976.
- *Modelo de caracterização e de programação das atividades de extensão universitária*, 1976. Londrina, 1976. Mimeografado.
- GONÇALVES, N.T. — “A extensão como uma das funções básicas da universidade”. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários — *Coletânea de documentos sobre a extensão universitária, n. 1*. Brasília, MEC. Dep. de Documentação e Divulgação, 1976. p. 7-18.
- ROCHA, A.A.C. — “Conceito de extensão universitária” In: SEMINÁRIO DE PESQUISA INSTITUCIONAL SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, Ponta Grossa, 1976. Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1976. Mimeografado.
- ROCHA, R.M.G. — “A extensão face aos programas de estágio”. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários — *Coletânea de documentos sobre a extensão universitária, n. 1*. Brasília, MEC. Dep. de Documentação e Divulgação, 1976. p. 27-33.
- SOUZA, P.N.P. de — “O estágio como função específica da extensão universitária”. In: SEMINÁRIO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA — REGIÃO NORTE, I., São Luis, 1976. São Luis, Universidade do Maranhão. Coordenação de Extensão e Assuntos Comunitários, 1976. Mimeografado.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS — *A extensão na Universidade Federal de Minas Gerais*: documento 3. Belo Horizonte, 1977.